

lhe teria dado elementos para uma visão mais profunda do problema. De modo geral, insiste na influência cristã ou islâmica nas idéias proféticas pregadas pelos líderes messiânicos ou para-messiânicos de todo o mundo. Considera essencial a situação de penúria, "deprivation", produzida pelo contacto, insurgindo-se, porém, contra a caracterização da penúria cultural em termos predominantemente econômicos. Salaria a função dos movimentos como adaptação da tribo a uma situação nova e a sua importância como esforço de reintegração sócio-cultural. Remata o capítulo com algumas considerações sobre a função política dos movimentos, certos aspectos mítico-religiosos e as situações psicológicas que os possam favorecer.

Resumindo, pode se dizer que o livro é valioso instrumento de trabalho para o antropólogo e o sociólogo, especialmente pela grande cópia de dados nele reunidos e sistematizados. E seria injusto não reconhecer também que encerra muitos elementos úteis para uma discussão teórica do assunto, que o próprio autor talvez venha a retomar em estudo futuro.

*Egon Schaden*

VITTORIO LANTERNARI: *Movimenti Religiosi di Libertà e di Salvezza dei Popoli Oppressi* 366 págs., com 12 pranchas. Feltrinelli Editore. Milão, 1960.

A ocorrência, em sociedades tribais, de determinados movimentos religiosos a partir do século dezenove foi encarada por muitos autores como eclosão de fanatismo entre povos emocionalmente instáveis como o são os primitivos (instabilidade explicada por fatores biológicos); muitas vezes rotulados como "loucura coletiva", vinham dar origem a mais um capítulo da patologia social. Pouco a pouco, porém, os estudos sobre a "Ghost Dance Religion", o matsuísmo congolês, o culto do Cargo na Melanésia, as seitas sul-africanas, mostraram que, sob formas religiosas várias, em todos existia um mesmo intento de libertação e de independência com relação aos brancos opressores.

Não se tratava, pois, de simples manifestações de fanatismo, ou de misticismo exacerbado, mas de tentativas de modificar a ordem social existente, com o fito de levar novamente os nativos à autodeterminação, que os brancos lhes tinham feito perder. Porém, entre povos em que só agora começa a se operar a divisão do trabalho de tipo ocidental não se distinguem nitidamente os diferentes aspectos da vida social, estreitamente ligados entre si. Assim, o líder de inspiração divina, que se apresenta como o "messias", não tem apenas missão religiosa, mas também importantíssimo papel social, político e econômico.

Os estudos feitos evidenciaram que esses povos, há muitos anos sujeitos ao impacto da cultura ocidental, apresentam uma aculturação em processo, em que emerge uma consciência "moderna", no sentido de que ao lado de elementos antigos da fé nativa, de traços tradicionais que se pretende reviver ou conservar, há já todo um acervo de novidades; e o movimento não só propõe um novo ideal de liberdade, como também integra diferentes aspectos culturais, antigos e modernos, numa nova configuração.

Trata-se, pois, de movimentos produzidos por importantes fatores de dinâmica sócio-cultural, cuja análise, aliás, já foi tentada em várias monografias. Lanternari, no entanto, colocou-se em outro ângulo: procurou reunir e apresentar o maior número de movimentos de que teve conhecimento, apontando-lhes os aspectos de semelhança e diferença, a fim de formular um primeiro quadro de referências para o estudo. Assim é que vemos desfilar os movimentos africanos, os das três Américas (inclusive os brasileiros), os da Oceânia e da Ásia. Na classificação que propõe distin-

gue, básicamente, entre movimentos oriundos do choque cultural e movimentos que resultam de uma dinâmica social interna dos respectivos grupos. Esta colocação do problema, já por nós formulada em artigo de 1958 (*Archives de Sociologie des Religions*), sobretudo com referência aos movimentos brasileiros, é a primeira com base sociológica que se tem aventado. Embora útil, é ainda muito geral; será necessário chegar a uma tipologia mais precisa.

Entre os movimentos oriundos de uma dinâmica interna da sociedade, apresenta Lanternari, além dos que agitaram tribos indígenas brasileiras, os três grandes surtos caboclos, liderados no nordeste por Antônio Conselheiro e pelo Padre Cícero, e no sul pelos Monges, na região contestada entre Santa Catarina e o Paraná. Realmente, pertencem êles tipicamente à categoria dos que foram produzidos por uma dinâmica social interna. Como, porém, não se trata de povos primitivos em contacto com a civilização ocidental, e sim de populações rurais com certos caracteres específicos, são exemplos um tanto deslocados numa obra cujo tema é o desejo de libertação dos povos nativos da opressão estrangeira. Estão mais aparentados com os movimentos camponeses da Europa, que o Autor, coerente com o interesse de seu estudo, deixa inteiramente de lado. Movimentos semelhantes aos nossos houve-os na Itália em fins do século dezenove, um dêles liderado por David Lazzaretti; escapam, porém, ao campo abordado pelo Autor, tal como se dá com os movimentos que êle chama de "neobrasileiros". Por outro lado, enquadram-se bem no conjunto os surtos indígenas e aquêles em que há sincretismo entre alguma religião aborígene e o cristianismo.

A obra de Lanternari é, não obstante, valiosa contribuição para a antropologia, como para a sociologia; para a primeira, porque aborda aspectos da aculturação, e para a segunda, porque trata de um problema de dinâmica social ligado à sociologia religiosa que até agora tem sido descuidado ou mal interpretado. Ademais, o quadro de referências nêle estabelecido abre caminho para novas possibilidades de sistematização.

*Maria Isaura Pereira de Queiroz*

ERNESTO DE MARTINO: *Morte e Pianto Rituale nel Mondo Antico. Dal lamento pagano al pianto di Maria*. X + 438 págs., com 67 ilustrações. Edizioni Scientifiche Einaudi. Turim, 1958.

Cabe ao Prof. de Martino o indiscutível mérito de se ter dedicado durante anos à aplicação, de modo original, do método historicista à interpretação da mentalidade dos povos primitivos. Já em 1941, com *Naturalismo e Storicismo nell'Etnologia*, Bari, realizara, por êste ângulo, uma revisão crítica precisa, da escola antropológica inglesa à escola sociológica francesa; através da posição histórico-cultural, punha à luz as fragilidades especulativas, o excessivo intelectualismo e as deficiências particulares aos métodos de ambas. Terminava o trabalho uma interessante e brilhante crítica do funcionalismo em seus vários aspectos, definido pelo autor como expressão manifesta e não a superação da crise que lavra na etnologia contemporânea, crise que, evidentemente, é devida mais ao hibridismo dos métodos e a um materialismo mais ou menos latente do que a uma insuficiência metodológica intrínseca. "Tarefa da etnologia", concluía, "é percorrer novamente ao revés aquela linfa que nos alimenta e que provém de raízes longínquas, com a finalidade, porém, de colher os pontos que desviam a corrente para direção diversa daquela de que procedemos. São êstes os pontos em que entre as infinitas possibilidades de vida e de desenvolvimento, o curso do devir se diferenciou ulteriormente. Agora a delimitação dessas alternativas de que so-